

Moyseis Marques
mostra suas novas
canções no Circo

PÁGINA 3



Assucena canta
na Casa Museu
Eva Klabin

PÁGINA 4



Festival Pequenos
Cineastas é
atração no CCBB

PÁGINA 13



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

ZÉ RAMALHO, DA PARAÍBA:

Avôhai! Com sua voz inconfundível e sua poesia singular, Zé Ramalho escreveu com fortes tintas seu nome na história da música brasileira. Aos 74 anos, o bardo paraibano segue falando fundo na alma brasileira. Neste sábado (18), às 21h30, ele retorna ao Rio com show da turnê "Show dos Sucessos", agora em seu Volume 2, no palco do Qualistage.

Não que Zé, chegando aos 50 anos de carreira, não siga gerando novidades. Inquieto e produtivo, em setembro de 2022 ele presenteou os fãs com um novo e expressivo trabalho de músicas inéditas, "Ateu Psicodélico", seguindo revigorado sua viagem mística de sua obra, além do sugestivo box de quatro CDs com o título de "O Garimpo das Raridades".

Autor de uma obra essencialmente surrealista, que funde o rock com o repente e outros ritmos nordestinos, Zé tem um imenso poder de transmissão com sua inconfundível voz, seu tom declamador. Artista brasileiro e universal, é capaz de erguer uma ponte musical unindo Pink Floyd e Beatles a Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga; a cidade grande ao sertão, psicodelismo ao regionalismo. Zé Ramalho é o Nordeste inserido no mundo, mas sem de desconectar das raízes. Um legítimo trovador, urbano e rural.

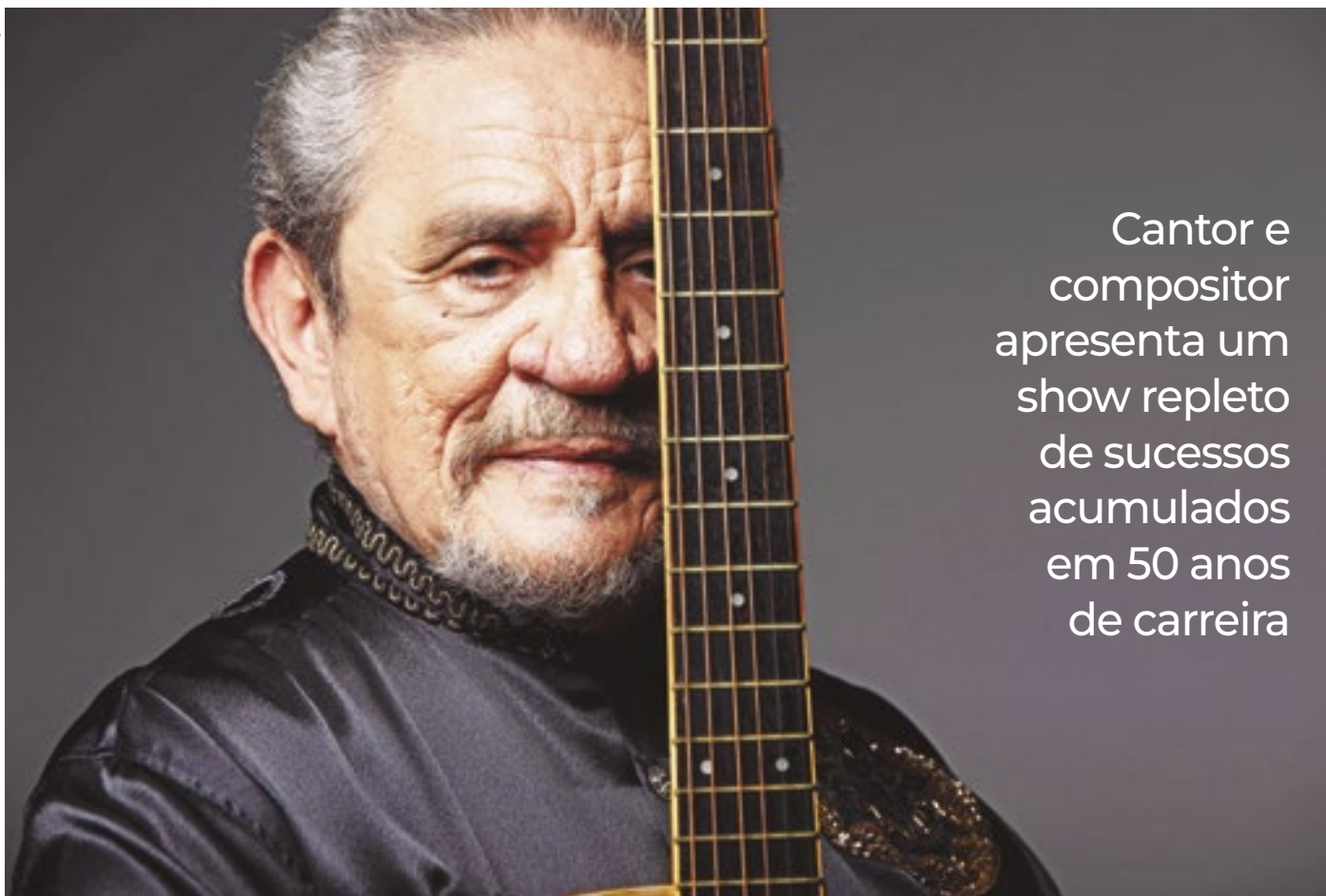
Desde o lançamento de seu primeiro álbum solo, que emplacou de cara o hino "Avôhai", foram mais de 30 discos.

O "Show dos Sucessos Volume 2" traz Zé Ramalho revisitando seus maiores sucessos, sempre mantendo o respeito da crítica especializada, em rara unanimidade. "Admirável Gado Novo", "Entre a Serpente e a Estrela", "Avôhai", "Frevo Mulher", "Chão de Giz", "Beira-Mar", "Cidadão", "Eternas Ondas", "Galope Rasante", "Vila do Sossego" e "Banquete de Signos" são apenas algumas das inúmeras pérolas que o consagraram. Releituras de artistas como Raul Seixas, Bob Dylan e os Beatles, todos homenageados em discos seus, também podem aparecer, pois Zé Ramalho da Paraíba nunca se acomoda.

(Affonso Nunes)

Cantor e compositor apresenta um show repleto de sucessos acumulados em 50 anos de carreira

Leo Aversa/Divulgação



SERVIÇO

ZÉ RAMALHO - SHOW
DOS SUCESSOS VOL. 2

Qualistage (Via
Parque Shopping - Av.
Ayrton Senna, 3000 -
Barra da Tijuca) | 18/4,
às 21h30

Ingressos a partir de
R\$ 80 (meia)

UM TROVADOR BRASILEIRO E UNIVERSAL

Ancestralidades repensadas

Cidades históricas de Petrópolis e Ouro Preto recebem festival que celebra o fado

Em meio a espaços abertos e cenários históricos, músicos brasileiros e portugueses celebram suas ancestralidades no Festival Fado em Cidades Históricas que promove a lusofonia e conexões criativas com as históricas cidades de Petrópolis e Ouro Preto. O evento proporciona encontros que estreitam vínculos culturais tendo como referência as influências portuguesas, africanas e dos povos originários, com a devida consciência dos fatos, celebrando nossas raízes e memórias, juntando fados, batuques e lundus.

O festival conecta o fado, expoente maior da cultura portuguesa - considerado pela Unesco como Patrimônio Oral e Imaterial da Humanidade - a outros Patrimônios Imateriais brasileiros, como o chorinho e o samba. Em Ouro Preto, o fado se encontra também com a cidade que é Patrimônio Histórico da Humanidade.

Entre as atrações lusas do evento, destacam-se a fadista contemporânea Ana Moura, a cantora Raquel Tavares, a musicista Marta Pereira da Costa com sua guitarra portuguesa, que se junta em show inédito à violonista Samara Líbano, acompanhada de seu violão de sete cordas.

E a brasilidade ganha destaque com o bandolinista e compositor Hamilton de Holanda; o Clube do Choro de Belo Horizonte; a concertista Rosana Lanzelotte; e as apresentações da Orquestra Maré do Amanhã do Rio de Janeiro e da Orquestra Padre Simões de Ouro Preto.

O encontro de línguas portuguesas também contará com a presença do musicólogo português Rui Vieira Nery. Para



Ana Moura

ele, no contexto multicultural do Brasil colonial, os ritmos e os padrões de dança africanos combinam-se com as harmonias e as formas europeias para gerar uma dança cantada de forte sensualidade. Essa música atravessou o Atlântico e se implantou nos bairros populares do porto de Lisboa.

Gonçalo Afonso/Divulgação

Divulgação



Il Divo canta sábado no Vivo Rio

Il Divo abre turnê brasileira

Sucesso em todo o mundo, o quarteto Il Divo está de volta ao Brasil com uma turnê que celebra 20 anos de uma carreira que segue o estilo internacionalmente conhecido como crossover clássico, que combina ópera e música clássica com pop e outros gêneros musicais. Neste sábado, às 21h, eles apresentam no Vivo Rio e depois seguem no giro brasileiro em São Paulo e Curitiba. A apresentação marcada para Porto Alegre não está confirmada.

Formado pelos cantores David Miller (EUA), Sebastien Izambard (França), Urs Buhler (Suíça) e Steven LaBrie (EUA), o grupo é conhecido pela excelência de seus arranjos vocais.

No repertório, o Il Divo combina os grandes clássicos internacionais com os sucessos do seu novo álbum "XX: 20th Anniversary Album". Interpretações de "Despacito", de Luis Fonsi; "Crazy", de Gnarls Barkley; e "Perfect", de Ed Sheeran são algumas das novidades que o grupo traz para este novo show, além de suas elogiadas performances de "Regressa a Mi", versão em espanhol para "Unbreak My Heart", de Toni Braxton, e "Con te Partirò", sucesso na interpretação de Andrea Bocelli.

SERVIÇO

FADO EM CIDADES HISTÓRICAS

18 e 19/5 no Palácio de Cristal (Petrópolis)
24 a 26/5 na Fundação de Artes de Ouro Preto
Grátis

SERVIÇO

IL DIVO
Vivo Rio (Av. Infante Dom Henrique, 85 - Parque do Flamengo)
18/5, às 21h | Ingressos entre R\$ 190 (meia) e R\$ 380

Moyseis Marques mostra nova safra

Show de lançamento de 'Na Matriz' ainda terá João Bosco como convidado especial

Moyseis Marques estreia show novo, baseado em seu mais novo trabalho, o álbum "Na Matriz", no palco do Circo Voador neste sábado (18). Lançado pela gravadora Biscoito Fino, o disco retrata as andanças de Moyseis: "Estamos em um país diverso,



Moyseis Marques passeia por sonoridades brasileiras

muito rico, e o álbum contempla essa diversidade rítmica brasileira, que também estará presente no show. Tem samba, forró, baião, ijexá. Vai ser uma noite de música instrumental popular dançante brasileira!", convoca.

No show, o cantor e compositor carioca recebe como convidados o mestre João

Bosco, o cantor e compositor Mosquito e o grupo Ordinários. "João Bosco chegou pra coroar a noite. Ele gosta muito quando eu canto coisas mais recentes, como 'Duro na queda', parceria dele com Aldir Blanc lançada no álbum 'Mano que Zueira'. Mas o combinado é deixá-lo à vontade para desfilhar todos

aqueles sucessos no seu violão", adianta.

Mosquito fará ao vivo a música que gravou no álbum, "Maxixe Santa Cruz", e algumas autorais, assim como o grupo Ordinários, que leva ao palco "Margens Tortas", do novo disco de Moyseis.

Da nova safra, "Sambaluz", "Bem que Mereço", "Coração de Lona", "Forró das Cidades" e "Na Matriz" têm presença garantida no repertório, que alinha ainda canções marcantes na carreira de Moyseis Marques, como "Mambembe" (Chico Buarque), "Nomes de Favela" (Paulo César Pinheiro), composições de Luiz Carlos da Vila e parcerias com Moacyr Luz e Ney Lopes.

A banda é formada por Rafael Mallmith (violão 7 cordas, guitarra e direção musical), João Bittencourt (piano e sanfona), Gabriel Guinther (bateria), André Vercelino (percussão), Paulino Dias (percussão) e Marfa Kourakina (baixo). Moyseis, que vai de cavaquinho, violão de 6 cordas e berimbau.

SERVIÇO

MOYSEIS MARQUES - NA MATRIZ

Circo Voador (Rua dos Arco s/nº - Lapa) | 18/5, a partir das 20h (abertura dos portões) | Ingressos entre R\$ 60 (meia) e R\$ 160

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Bárbara Furtado/Divulgação



Pocket show

Representante da nova MPB, a cantora e compositora Júlia Vargas se apresenta nesta sexta-feira (17), às 17h30, em pocket show no Espaço Conceito Banco do Brasil, no térreo do CCBB RJ. No setlist, canções autorais e de outros artistas como "Pé na Areia" (Diego e Rodrigo Leite), "Samba Jambo" (Jorge Mautner), "Tu" (Julia Vargas e André Vargas) e "Vento de Saia" (Julia Vargas e Iara Ferreira). Grátis.

Divulgação



Dose dupla

Nesta sexta (17) tem dobradinha internacional na Fundação Progresso: o duo alemão Milky Chance e o americano Donavon Frankenreiter (foto). A banda alemã de pop, rock e folk com pitadas de eletrônico é conhecida por sucessos como "Stolen Dance" e "Cocoon". E Donovan é reverenciado por sua habilidade de misturar elementos de surf music, folk e rock em suas melodias contagiante.

Divulgação



Parodiando

Edu Krieger e Natalia Voss voltam ao Teatro Rival Petrobras nesta sexta (17), às 19h30, com o espetáculo "Versos e versões - a vida em paródias". Será um show em caráter emergencial e beneficente, cuja renda obtida pela venda de ingressos será integralmente destinada para as vítimas da tragédia no Rio Grande do Sul. É um show para levantar o astral, como o casal fez nas redes sociais durante toda a pandemia da Covid-19.

Divulgação



Sempre Leny

A obra de uma das mais prestigiadas cantoras brasileiras, Leny Andrade (1943-2023), será revisitada pela cantora e compositora Morana Silveira no palco do Mandarin, na Gávea, nesta sexta (17), às 20h. No show, Morana fará um passeio pelo eclético repertório de Leny, consagrada pela capacidade de interpretar com maestria canções nos mais diversos ritmos, com destaques para o bolero, o jazz e a bossa nova.

Assucena pensa o Brasil em canções

Cantora abre o projeto Por do Sol na Casa Museu Eva Klabin

Exponte na Nova MPB, a cantora Assucena abre o projeto “Por do Sol”, da Casa Museu Eva Klabin, neste sábado (18). Ao lado do músico multi-instrumentista Rafael Acerbi, a artista apresenta “Fluorescente”, um show composto por composições autorais, incluindo canções inéditas que estão presentes em seu primeiro álbum nesta nova fase da carreira solo, “Lusco Fosco”. As músicas carregam uma reflexão sobre o Brasil contemporâneo e sobre afetos, desilusões e demandas de pessoas trans e travestis.

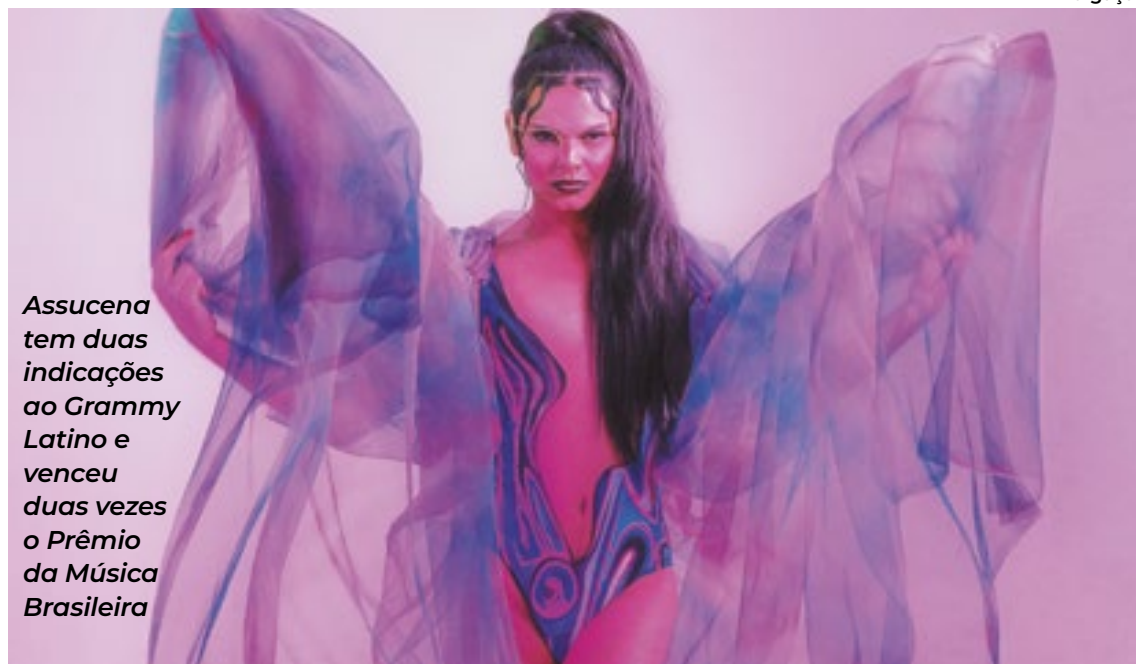
“Ao questionar e desnaturalizar o que a cultura determinou como natureza, proponho, de maneira provocativa, novas linguagens, discursos e estéticas para falar de amor, comportamento e política. É um caminho estético sonoro que conversa com nossa tradição e nossa contemporaneidade para apontar a TRANSformação dos espaços, dos tempos e das ideias”, diz Assucena sobre o show.

O repertório inclui canções como “Menino Pele Cor de Jambo”, “Nu”, “Reluzente”, “Manhoso Demais”, “A última, quem sabe” e

outras composições de diferentes estilos musicais tratadas de forma jazzística, que ganham arranjos

instrumentais com improvisos. “Fluorescente” cruza barreiras musicais e se constrói como uma

metáfora sonora entre o samba e o rock, entre o blues e o baião, entre o pop contemporâneo e o arrocha.



Divulgação

Assucena tem duas indicações ao Grammy Latino e venceu duas vezes o Prêmio da Música Brasileira

Representa, ainda, a transição e a aurora de uma nova fase artística”, destaca a artista.

Nascida em Vitória da Conquista (BA), Assucena estreou em carreira solo com show em homenagem à Gal Costa. Já recebeu indicação do Grammy Latino (2019 e 2020) e duas vitórias do Prêmio da Música Brasileira em 2018 (Melhor Grupo e Melhor Álbum), quando integrava o trio “As Baías”, que durou 10 anos. Em 2022, lançou o show “Rio e Também Posso Chorar”, uma homenagem aos 50 anos do disco “Fatal” de Gal Costa, dando início a carreira solo. Em seguida, lançou novos singles e, para o primeiro álbum, firmou uma parceria de direção artística com a cantora Céu.

Nos palcos, Assucena foi indicada ao Prêmio Shell como melhor atriz pela peça “Mata Teu Pai, Ópera-Balada”, trabalho dirigido por Inêz Viana.

SERVIÇO

ASSUCENA - FLUORESCENTE
Casa Museu Eva Klabin (Av. Epitácio Pessoa, 2480 - Lagoa) | 18/5, às 17h | Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

CRÍTICA / DISCO / FRACTAL FEMININO VOL 1 - DOLORES DURAN

Aquiles Rique Reis*

Tempos atrás, lembro bem, revelei o que voltarei a dizer agora. Refiro-me à satisfação de perceber que o primeiro disco de uma novata ou de um novato me comoveu, me deixou feliz por tê-la ou tê-lo ouvido e, segundo meus critérios, ter percebido que ali estava um nome a ser conhecido e curtido pelo grande público, aquele que ama a música brasileira.

Hoje eu tenho o contentamento de lhes trazer o primeiro álbum de Rachel Cossermelli, “Fractal Feminino Vol. 1: Dolores Duran” (independente). É com prazer que lhes apresento a jovem Rachel: bacharela em canto popular pela Faculdade Santa Marcelina, ela participa ativamente do circuito musical independente paulista. Após três anos na graduação de arquitetura

e urbanismo, optou por seguir na música.

Neste ofício, descobriu sua paixão por desvendar o papel feminino na música do século XX, que desembocou no projeto Fractal Feminino, que procura atender mulheres que se aventuram na indústria musical.

E Rachel lançou luz sobre uma das maiores compositoras brasileiras do nosso tempo, a pioneira Dolores Duran (1930/1959), da qual escolheu seis músicas. Há uma faixa bônus, onde Rachel revela a ficha técnica, fala sobre o disco e faz agradecimentos (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), que vale a pena ouvir – o que, sem dúvida, é uma boa ideia.



Divulgação

Segundo Rachel, ela dispôs as seis faixas no disco seguindo um critério (que sacada!): dar a sua visão sobre os relacionamentos a partir da obra de Dolores.

Vamos às músicas: “Falsos

Nasceu e cresce uma grande cantora, Rachel Cossermelli!

Amigos” (DD, lançada em 1960 pela cantora Cláudia Regina), “Por Causa de Você” (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), de Tom Jobim e Dolores Duran; “Olha o Tempo Passando” (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), de Dolores e Edson Borges e lançada pela cantora Maricenne Costa em 1960; “Se E Por Falta de Adeus” (1955 – Tom Jobim e DD), “Fim de Caso” (Dolores) e “Estrada do Sol” (https://youtu.be/PEXiQj3rIrU?si=-V0r5_mThnxqk1ky), Tom Jobim e Dolores. Rachel, interessada não só pelas composições, mas

também pela história de vida de mulheres como Dolores (aguardemos o volume 2 do projeto Fractal Feminino), repito, é uma grande cantora! Sua voz reverbera verdades, cantadas com afinação, dicção e dignidade exatas.

A emoção pontua cada sílaba de cada nota da melodia. Antenada com seu tempo ao gravar uma mulher sintonizada com o seu universo musical e filosófico, o álbum de Rachel traz a prerrogativa de ser coletivo. A voz, as músicas, os arranjos, os instrumentos, as participações especiais e as ideias exalam música brasileira.

Ao partir do ponto de vista de mulheres que fazem da música a própria vida, Rachel Cossermelli encontrou o nexo atual com a genialidade contemporânea em Dolores Duran.

*Vocalista do MPB4 e escritor



CENTRO
CULTURAL
SESC
QUITANDINHA

dos brasis

arte e pensamento negro

Uma das mais expressivas exposições de arte afro-brasileira já realizada no país chega ao Rio de Janeiro.

São obras de 241 artistas negros do fim do século XVIII até o século XXI de todos os estados do Brasil. Esperamos por você.

Até 27/10/2024

De terça a domingo, das 10h às 17h.
Centro Cultural Sesc Quitandinha (CCSQ),
Petrópolis - RJ

Entrada gratuita

Confira a programação completa:
ccsq.org.br



Leo Aversa/Divulgação

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

“Norma”, o texto de Dora Castellar e Tônio Carvalho, retorna aos palcos em nova montagem dirigido por Guilherme Piva, com Nívea Maria e Rainer Cadete nos papéis principais. A peça estreou em 2002, tendo Ana Lúcia Torre e Eduardo Moscovis em sua primeira montagem e percorreu o país por mais de quatro anos, com grande sucesso de crítica e público.

“Norma” já traz no título o cerne da história. Norma é o regular, é o que as pessoas devem seguir, é forma de lei. Assim é a personagem principal que entra em conflito com Renato, o jovem que foi o inquilino anterior do apartamento que ela aluga.

É do desenvolvimento da história, da atuação, da mensagem e a experiência de encenar o espetáculo que Nívea Maria e Rainer Cadete falaram com exclusividade ao Correio da Manhã.

“Norma é o personagem que possui tantas perdas, mas que é um ganho para uma atriz, porque assim pode criar um personagem verdadeiro, que chega ao público. O que se perde, na verdade se tem um retorno da realidade, de se aprender a viver melhor. É que tento passar no personagem Norma. Ela tem muita tristeza, muito desespero, muita raiva, muita solidão, mas ela se transforma durante o espetáculo. Que é fantástico, que é um presente para mim, e eu acho que é isso que o público está reconhecendo na criação de Norma”, comenta a veterana atriz.

Essa criação, destacada por Nívea, vem muito da direção do Guilherme Piva e de dividir com o Rainer Cadete em cena, além da orientação de se ter cuidado com os excessos. “A criatividade de Guilherme montar um espetáculo, que já tem 22 anos, de uma forma moderna, de uma forma verdadeira, de uma forma que impacta o público não só no conteúdo, como na imagem, na

Quando os opostos se unem

Com direção de Guilherme Piva, nova montagem de ‘Norma’ ainda emociona o público



‘Norma’ tem Rainer Cadete e Nívea Maria no elenco

luz, no cenário”, elegia.

“A mensagem mais importante desse texto é que a gente precisa se humanizar, de amor, de respeito para com o outro, de

entender as diferenças, de aceitar o ser humano como ele é, que hoje sofre mais do que é feliz por tantas coisas que a gente vem vivendo. Eu acho que é por isso

que vai até o público e eu acho que acerta o coração em cheio. Esse momento da minha carreira... é um presente”, comemora.

E Rainer Cadete destaca seu

personagem Renato, um homem apaixonado. “O amor é cuidado, acolhimento, um querer bem. Ele não é arrogante! O amor é algo? O outro não tem o direito de opinar como a gente deve ou não amar. É maior no peito de quem ama do que de quem recebe o amor, porque está dentro da pessoa que sente. Qualquer forma de amor é válida. E quando existe amor de verdade, existe também diálogo e empatia, aí os conflitos se dissolvem”, defende.

Cadete elogia a qualidade do texto de “Norma. “O texto é maravilhoso, cada palavra escrita é muito gostosa de falar, muito boa de interpretar. Um dos maiores desafios é que, depois que a gente está em cena, não há um minuto que a gente saia e volte; a peça é uma montanha-russa de emoções. O nosso diretor nos conduziu de uma forma cirúrgica e elegante, desenhando com a gente, todas as viradas e surpresas que o texto aponta, eu acho muito interessante, porque a direção dele foca no trabalho do ator”, conta, acrescentando que o resultado da montagem é “um espetáculo visceral com revelações, embates, camadas e emoção”. “Eu adoro! Acontece uma catarse mesmo lá no palco com a gente e, ao encontra o público, a catarse cria uma dimensão bem maior. A plateia ri, se emociona e comenta a peça enquanto ela está acontecendo, voltam pra assistir várias vezes e trazem pessoas para compartilhar essa experiência”, observa.

Para o ator, a grande lição desta montagem foi aprender mais sobre a importância do acolhimento e o poder transformador do diálogo. “Percebi como um simples encontro pode ser revolucionário e mudar para sempre a vida de uma pessoa”, ressalta.

SERVIÇO

NORMA

Teatro das Artes (Shopping da Gávea - Rua Marquês de São Vicente, 52)

Até 30/6, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)

Preços: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

CRÍTICA / TEATRO / TRÊS IRMÃOS

Stephany Lopez/Divulgação

Uma trilogia da vida

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há quem diga que traduzir é um ato de trair. Essa tradução, quando se fala em adaptação, pode ter o mesmo sentido. É difícil se conseguir colocar o mesmo sentimento, a mesma força em código diferente. Há um caminho, quando o adaptador conhece na própria pele as mesmas dores, sobretudo, que são o ponto de partida da obra. Esse é o ponto positivo de “Três irmãos”, da Cia Cerne, que a partir do romance “Seara Vermelha”, de Jorge Amado, constrói um espetáculo que recebeu o Premio Shell de Melhor Dramaturgia.

A montagem segue com as pesquisas da companhia, iniciada em sua última obra adul-



A partir do êxodo de uma família nordestina, ‘Três Irmãos’ aborda as contradições brasileiras desde o tempo de Jorge Amado

ta, “Turmalina 18-50”, sobre os grandes nomes que passaram por sua cidade-sede, São João de Meriti, na Baixada Fluminense. Desta vez, a

companhia se debruça pela passagem de Jorge Amado por Meriti, local onde morou quando exerceu o mandato de deputado federal, entre

1946 e 1948. Jorge não apenas morou em São João, mas presenciou de perto o próprio nascimento da cidade, uma vez que sua emancipação ocorreu em 1947. Nesse período, Jorge escreveu “Seara Vermelha”.

O êxodo e as agruras dos nordestinos estão na construção de “Três Irmãos”, com dramaturgia e direção de Vinicius Baião elenco formado por Elizandra Souza, Gabriela Estolano, Higor Nery, Leandro Fazolla, Madson Vilela, Rohan Baruck e Diogo Nunes. A apresentação dos conflitos das escolhas de cada irmão se faz na relação do jogo dos diálogos e do eficiente entrelaçamento da história.

As metáforas do destino dos irmãos - um policial, um cangaceiro e um ativista político - retratam as possibilidades restritas de se ter uma vida digna.

SERVIÇO**TRÊS IRMÃOS**

Teatro Municipal Café Pequeno (Av. Ataulfo de Paiva, 269 - Leblon)

Até 19/5, sextas a sábados (20h) e domingos (19h)

Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia-entrada e lista amiga)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Subjetividades

“Maria, João, Mas Tinha o Pedro Também” é a história de Pedro, cuja ligação para a ex-namorada do atual companheiro desencadeia um mergulho de reflexão na fluidez contemporânea dos vínculos afetivos para falar de amor e amadurecimento. A dramaturgia de Helena Hamam explora dilemas como o fascínio pelo passado amoroso do parceiro e a ilusão de decifrar a subjetividade alheia. Ao utilizar o teatro físico, gestual e circense, foge de estereótipos emocionais. 19/5. Museu de Arte Contemporânea de Niterói, às 15h. Grátis. Única sessão.

Renato Mangolin/Divulgação

Divulgação

**Campo emocional**

Para encerrar o ciclo do Projeto Palco Carioca, em 2024, a Cia Márcia Milhazes se apresenta no Espaço Tápias, nos dias 18 e 19 com “Guarda-me”. Segunda parte de uma trilogia no universo de cartas de amor, o espetáculo conta com uma temática delicada sobre a existência em um registro coreográfico que mergulha no campo emocional de um casal. Desde fevereiro, o primeiro circuito apresentou importantes nomes da dança do Rio como Renato Vieira, Márcio Jahú, Clara da Costa, Hugo Lopes, João Saldanha, Sonia Destri Lie, Esther Weitzman e Grupo Tápias.



Livia Rezen/Divulgação

**Lendo dramaturgia**

A In Cena Produções vai participar do projeto “Dramaturgia em Leitura”, dia 20 de maio, às 19h, no Teatro Adolpho Bloch, na Glória. A equipe fará a leitura da comédia musical “República Lee – Um Musical ao Som de Rita”, com texto e direção de Tauã Delmiro, idealização de Cella Bártholo, direção musical de Hugo Keth, e coreografias de Débora Polisthuck. Na ocasião, será anunciado o elenco da peça, que tem estreia marcada para o segundo semestre, e será costurada por sucessos de Rita Lee, numa experiência multilinguagem unindo teatro e cinema.

SHOW**MÚSICOS DA OSB**

*Abrindo a Série Músicos da OSB em 2024, a Orquestra Sinfônica Brasileira interpreta a Serenata nº 10, "Gran Partita", de W. A. Mozart. No domingo, também tem concerto e a récita será no formato Concertos para Juventude – apresentações comentadas com cunho didático. Cidade das Artes (Av. das Américas, 5.300 – Barra da Tijuca). Sáb (18), às 19h, e dom (19), às 11h. A partir de R\$ 10 (meia)

OSB JOVEM

*A Orquestra Sinfônica Brasileira Jovem subirá ao palco pela primeira vez no ano com programa em tributo ao classicismo vienense, com peças de Joseph Haydn e Franz Schubert. Sala Cecília Meireles (Rua da Lapa, 47). Dom (18), às 11h. R\$ 10 e R\$ 4 (meia)

JHUSARA

*Uma das backing vocals mais respeitadas da MPB e voz da vinheta do The Voice Brasil, a cantora comemora seu aniversário de 71 anos com apresentação no Rio Scenarium (Rua do Lavradio, 20). Sex (17), às 22h. R\$ 45 e R\$ 30 (antecipado) em grande estilo.

A VOZ DE UMA PESSOA VITORIOSA

*Trio formado por Laura Castro, Sandra Nisseli e Nayara Danielly leva ao palco músicas autorais e interpretações de pérolas da MPB como a canção que dá título ao show, de Caetano Veloso. QueeRIOca (Travessa do Comércio, 16 - Arco do Teles). Sex (17), às 20h30. Grátis

SAMBAÚ

*Tem samba solidário de sexta a domingo no Al Farabi. Cada dia uma atração diferente, sendo sexta o Sambaú, com sambas inéditos; sábado o grupo Flor de Samba composto só por mulheres e domingo o projeto Enredos do Meu Samba com convidados especiais. Rua do Mercado, 34 - Entrada pelo Boulevard Olímpico

RAPHELLA SOUZA

*A cantora apresenta o show Rapha's Jazz Sessions com repertório que traz nomes como George Benson, Roberta Flack, Liniker, Djavan, Maria Rita, entre outros. Ricardo Freitas Ateliê Gastronômico, na Fábrica Bhering (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Santo Cristo). Sáb (18). Contribuição voluntária



Orquestra Sinfônica Brasileira - OSB

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Cena de 'Andança - Os Encontros e a Memória de Beth Carvalho'

ALMIR CHIARATTI

*O cantor e compositor criado na Ilha do Governador se apresenta Parque Manuel Bandeira ao lado de Antonio Macalão num show que une música e poesia. Sáb (18), às 15h. Grátis

TEATRO**COMÉDIA PARANORMAL | CADA UM TEM O ANJO QUE MERECE**

*Nesta sexta-feira (18) os espetáculos "Cada Um Tem o Anjo Que Merece!", com direção de Maximiliana Reis, e o solo "Comédia Paranormal", dirigido e estrelado pelo premiado Jarbas Homem de Mello, estreiam no Teatro dos Grandes Atores (Shopping Barra Square - Avenida das Américas 3.555, Barra da Tijuca)

Mônica Ramalho/Divulgação



A Voz de Uma Pessoa Vitoriosa

Divulgação



Prima Facie

PRIMA FACIE

*Fenômeno em palcos pelo mundo, o espetáculo chega ao Brasil com Débora Falabella em seu primeiro solo. Texto mostra os dilemas de uma advogada que tem como clientes acusados de abuso sexual. Teatro Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória). Até 30/6, de qui a sáb (20h) e dom (18h). Entre R\$ 50 (meia) e R\$ 150

TODOS OS HOMENS DO MUNDO

*Em performance, Cristina Flores dubla várias mulheres atua numa ficção científica feminista distópica, que se passa no distante ano de 2228, num período em que todos os homens cis desapareceram do planeta. QueerIOca (Travessa do Comércio, 16 - Praça XV). Sáb (18) e dom (19), às 19h30. R\$ 40

CANÇÕES DE CINEMA

*A produção de Wilson Belém e direção de Eber Inácio transporta o público para uma deliciosa viagem sonora regada a temas consagrados e inesquecíveis de clássicos da sétima arte como "A Cor Púrpura", "Rocky 4" e "Mary Poppins"-de maio. Estação Net Botafogo (Rua Voluntários da Pátria, 88). Até 25/5, aos sábados (19h). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

IMPROVISA COMIGO ESTA NOITE

*Sozinho no palco, o ator Claudio Amado conta com a participação espontânea da plateia para criar cinco cenas inéditas e improvisadas a cada apresentação. Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Centro). Sex e sáb (19h). R\$ 30. Até 1/6.

Luciola Vilella/Divulgação



Feira do Vinil Rio

Divulgação



O Mistério do Circo

EXPOSIÇÃO**DOS BRASIS**

*O Sesc Quitandinha (Av. Joaquim Rolla, 2 - Petrópolis) recebe "Dos Brasis - Arte e Pensamento Negro", dedicada à produção de artistas negros reunindo 314 obras. Ter a dom e feriados (10h às 17h). Até 27/10. Grátis

OFFENCE

*Lalin Witch expõe obras inéditas em individual no Espaço Cultural M.D. Gotlib (Av. Atlântica, 4.240 - IJ 312). Até 18/5, de seg a sáb (15h às 19h). Grátis

KRAJCBERG & ZANINE

*Reunião de trabalhos do artista polonês Frans Krajcberg e do arquiteto Zanine Caldas, pioneiros da luta ambiental,

que tem como matéria-prima madeiras oriundas de desmatamento. Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50). Até 18/5. De ter a sex (11h às 19h). Sáb (12h às 17h). Grátis

TECIDO URBANO

*Em cartaz no Sesc São João de Meriti (Av. Automóvel Clube, 66), a mostra resgata o imaginário cultural dos subúrbios e periferias do Rio, com obras de 19 artistas independentes. Até 26/5. Ter a sáb (9h às 17h). Grátis

INFANTIL**O MISTÉRIO DO CIRCO**

*Com 25 milhões de seguidores, o youtuber Ernaldinho apresenta uma história de mistério e aventura. Qualistage (Via Parque Shopping: Av. Ayrton Senna, 3000). Dom (19), às 19h. A partir de R\$ 40

EVENTO**FEIRA DO VINIL**

*Feira de Vinil do Rio faz sua primeira edição do ano homenageando Roberto Menescal e recebendo o compositor Chico Adnet, autografando seu LP "Triste". Instituto dos Arquietos do Brasil - IAB (Rua do Pinheiro, 10). Grátis

EM CIMA DA TERRA, EMBAIXO DO CÉU

*A mostra com os filmes do diretor Walter Lima Jr, que completa 60 anos de carreira, vai até domingo (19) na Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38) com a exibição de longas como "Inocência", "Ele, o Boto", "Chico Rei", "A Lira do Delírio" e "Através da Sombra". Grátis

MULHERES+

*O Festival Mulheres+ encerra programação com a exibição do documentário "Andança - Os Encontros e a Memória de Beth Carvalho" (2022), de Pedro Bronz, em homenagem à cantora. Sáb (18), às 16h, na Arena Carioca Fernando Torres, no Parque de Madureira.

GEEK TOWN

*Baseado na cultura geek do Japão, o Downtown (Av. das Américas, 500) encerra evento neste sábado. Esta edição é baseada em cultura japonesa, tendo, além de games e animes, atrações como dança japonesa, oficina de origami, demonstrações de kimonos e exibição de equipes de sumô.

Estreante abre a briga pela palma dourada

A francesa Agathe Riedinger inaugura a corrida pelos prêmios numa Cannes fria e chuvosa



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Sob o ronco dos motores de “Furiosa – Uma Saga Mad Max”, que fez sua estreia mundial na Croisette, na quarta, o Festival de Cannes soube valorizar – e bem – as revelações de sua competição oficial, aberta com “Diamante Bruto”. O longa-metragem, primeiro dos 22 longas em concurso, marca a estreia da francesa Agathe Riedinger. Por ser estreante, ela disputa ainda a láurea chamada de Câmara d’Or, dada a novos talentos.

Sua exibição aconteceu numa tarde de chuva fria no balneário, que anda penando nas mãos de São Pedro. Cai água dia a dia e os termômetros se mantêm numa zona de 20 graus, o que, potencializado pelas águas, dá uma sensação térmica de baixar o queixo. Mas o vigor com que Agathe narra uma saga de obsessão pela fama aqueceu a Croisette.

Em “Diamante Bruto”, a jovem Liane (Malou Khebizi) faz de tudo para poder chamar a atenção dos produtores de um reality show. Sujeita-se a humilhações, aguenta difamações, passa por perrengues violentos. A busca por dinheiro para comprar próteses de silicone vai leva-la a uma espiral de erros.

Causou surpresa (das boas) a fotografia de Michal Dymek no concorrente escandi-



‘Diamante Bruto’ causou boa impressão na corrida pela Palma de Ouro de melhor longa



O presidente Lula em depoimento ao diretor Oliver Stone em documentário sobre sua trajetória

navo “The Girl With The Needle”, do sueco Magnus vonHorn. Sua trama se passa na Dinamarca, ao redor da I Guerra Mundial, quando uma jovem operária (Vic Carmen sonne) é apresentada a uma agência secreta de adoção de bebês. O local encobre um terrível segredo, o que eleva o tom de suspense do longa, elegantemente dirigido.

Já há um primeiro achado no festival, nas

mostras paralelas: “On Becoming a Guinea Fowl”, da Zâmbia. Rungano Nyoni é a cineasta responsável pelo filme. É um conto surrealista sobre o enterro de um homem cuja morte liberta demônios parentais há muito guardados. É um conto de fadas ao contrário.

Uma das maiores apostas do fim de semana na Croisette é “Lula”, documentário de Oliver Stone sobre o atual presidente do

Tem Brasil na Quinzena dos Cineastas

Com raízes fincadas no livro homônimo do xamã Davi Kopenawa e do antropólogo Bruce Albert, o experimento documental “A Queda do Céu”, de Gabriela Carneiro da Cunha e de Eryk Rocha, vai representar o Brasil na Quinzena de Cineastas do 77º Festival de Cannes, neste domingo. A mostra rola paralelamente à competição oficial pela Palma de Ouro e, este ano, terá um prêmio especial de júri popular.

O filme é centrado na festa Reahu, ritual funerário e a mais importante cerimônia dos povos Yanomami, que reúne centenas de parentes dos mortos com a finalidade de apagar todos os rastros daquele que se foi e assim colocá-lo em esquecimento.

“A Queda do Céu’ é a expressão cinematográfica do arrebatamento que tivemos ao ler o livro, mas principalmente da nossa relação e do que foi vivido em carne, osso e espírito ao longo dos últimos sete anos ao lado de Davi, Watoriki e os Yanomami”, diz Gabriela., também atriz.

“É um filme aonde a câmera não olha só para os Yanomami, mas para nós não indígenas também. E isso sempre foi um fundamento do filme tanto para mim quanto para Eryk. Trabalhamos para fazer um filme que expressasse a materialidade onírica de uma relação”, completa. **(R.F)**

Brasil. A produção segue a linha narrativa que o diretor de “Platoon” (1986) persegue desde “Comandante” (2003), sobre Fidel Castro. Artesão do cinema político, Stone ganhou notoriedade escancarando cicatrizes do Vietnã. Hoje, vem mantendo uma obra de documentarista mais ativa do que sua trajetória na ficção, sempre dando voz a líderes estrangeiros.

ENTREVISTA / CHRISTOPHE HONORÉ, CINEASTA

SSIFF/Divulgação

'Estou sempre em busca de minhas cicatrizes'

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã



Há sempre um aroma fúnebre nos filmes de Christophe Honoré, por mais lúdicos e leves que sejam. Respeitado no universo da literatura, por romances como “Tout contre Léo” (1995), e elogiado nos palcos em seu trabalho como encenador, o cineasta virou um quindim pra crítica francesa, arrebatando uma legião de fãs. Ganhou tities quando lançou o musical “Canções de amor” (2007), aos 37 anos, sendo definido como um herdeiro de Jacques Demy (1931-1990). A comparação com o mestre por trás de “Os guarda-chuvas do amor” (1964) veio pela maneira como ambos redefiniram o uso não realista da música como diálogo. Reinventaram o lirismo a partir de um diálogo com problemas concretos (e existenciais) do dia a dia. A diferença é que Honoré deu uma mão de tinta a mais nas pautas contemporâneas em seu universo de desamor e paixões condenadas pela Aids, como se viu em “Bem amadas” (2011). Mas seu regresso ao cinema, pela competição oficial do 77º Festival de Cannes, segue por trilhas diferentes, experimentais. “Marcello Mio”, seu novo longa-metragem, é um jogo de armar baseado na relação entre a Chiara Mastroianni e seu pai, o astro de “La Dolce Vita” (1960). Ela resolve se vestir como ele e imitar seu modo de falar, de ser e de querer, num processo de investigação afetivo. Mas o querer é um verbo manhoso. Na entrevista a seguir, dada ao Correio da Manhã em San Sebastián, na Espanha, onde lançou o autobiográfico “Le Lycéen”, Honoré dissecou essas manhas.

O que torna o risco da morte e as espectralidade questões centrais no seu cinema?

CHRISTOPHER HONORÉ: Já na casa dos 50 anos, eu me vejo ligado a uma geração que escapou de se infectar com o HIV, mas que viveu suas primeiras experiências sexuais à sombra da Aids, com medo da contaminação, vendo nossos ídolos queer morrerem doentes. A Aids sem-

pre esteve com a gente, como um fantasma, mas também como um balizador do desejo. E cinema vem do desejo. Eu filmo para exercitar o que desejo.

Você ganhou fama nos anos 2000 como um artesão do musical, apostando num registro não realista. Onde entra a linha mais experimental, e mesmo autobiográfica, de seus novos



“Embora eu venha da literatura, não tenho obsessão pelas vírgulas ou acentos do meu texto: meu roteiro existe para ser reinventado no set”

Christophe Honoré

filmes?

Embora eu venha da literatura, não tenho obsessão pelas vírgulas ou pelos acentos agudos do meu texto: meu roteiro existe para ser reinventado no set. Por isso, eu não ensaio, pois prefiro trabalhar com a matéria viva da descoberta. Janto com as atrizes e os atores, converso com o elenco, dou referências do que ver ou ler e parto para um processo de

interação no qual os atores personalizam a história que tenho para contar. No caso de Chiara, ela é uma amiga e uma parceira de sets. Temos já afinação. Sobre a autobiografia: eu estou sempre em busca de minhas cicatrizes.

De que maneira “Le Lycéen” traduz seu olhar sobre o tempo, o seu tempo?

É um filme sobre a dor da

morte de meu pai e sobre o jovem que eu fui, sem ele. Mas transporto isso para a história de outro menino, que assume seu desejo em meio a muitas descobertas. Tem muito de mim. Não por acaso, eu mesmo interpreto a figura paterna, que morre no início. Fui a San Sebastián com ele para buscar diálogo, fazer essa trama catártica ser vista.

De alguma maneira, a sua maturidade pessoal e profissional pesa na amargura que há em torno dos personagens? Pesa na forma como Chiara se reporta a Mastroianni?

Estou no momento em que vejo uma série de jovens de 20 e poucos anos que me responsabilizam por sua escolha em fazer cinema por conta de terem visto meu “Canções de Amor” quando eram muito garotos. Eu já estou num momento de perceber uma distância geracional entre mim e uma nova linhagem de diretores.

Qual é o seu lugar hoje no cinema francês?

Um lugar de preservação da ideia de que nem todo filme precisa ser “para todos”. Há um lugar comum na França que se opõe a uma arte mais intelectualizada, em oposição a narrativas mais sofisticadas, com a proposta de que a troca de ideias comum em nossa tradição cinéfila não tem mais lugar. Há um culto ao cinema de gênero, uma defesa de que todos nós, cineastas, precisamos investir em “produtos” de adesão coletiva em vez de apostarmos em histórias pessoais. Mas as histórias que tenho para contar não são pensadas por número de espectadores. Venho da literatura, da experiência solitária do leitor e do livro. Fazer cinema, pra mim, sempre foi uma experiência solitária, cercada de emoções conflitantes. Mas, aqui, a sensação de algo que não caminha, de uma paixão num impasse, é o que mais me interessa. É o que eu tenho para dizer, com o máximo de sinceridade.

Divulgação



Estrelado por Griffin Dunne, a comédia de erros 'Depois de Horas' integra a mostra *Cinéma de la Plage* na Croisette

'Depois de horas'... o novo estrelato

Quase 40 anos depois de sua passagem por Cannes, cult de Martin Scorsese retorna à Croisette para sessão na praia

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

A julgar pela corrida em torno da comédia "Ex-Husbands" no *Marché du Film* de Cannes, há uma expectativa de que seu astro, Griffin Dunne, visite a Croisette para prestigiar a sessão de seu maior sucesso, "Depois de Horas" ("After Hours", 1985), numa projeção na praia.

Vítima da lua cheia no terror "Um Lobisomem Americano Em Londres" (1981) e alvo das estripu-



Griffin Dunne é aguardado em Cannes, que badala o cult que o consagrou em 1985

lias pop de Madonna em "Quem É Esta Garota" (1987), o novaiorquino de 68 anos começou a fazer cinema em 1975, como ator, dividindo a agenda com trabalhos como produtor e cineasta.

Até indicação ao Oscar de Me-

lhor Curta-Metragem ele tem no currículo, uma vez que concorreu a uma estatueta em 1996, com o filme "Descobertas". A pluralidade de sua obra é inegável. Mas é pelo sucesso de público e crítico de Martin Scorsese que ele é lembrado.

Divulgação

Comédia de erros, "Depois de Horas" ("After Hours") rendeu ao cineasta o prêmio de Melhor Direção em Cannes. No Brasil, o filme passou na "Tela Quente", com Selton Mello dublando Dunne. "Foi o filme que abriu as portas do mundo para mim", disse o ator ao Correio da Manhã em San Sebastián, na Espanha.

"Na época em que fez a sua primeira exibição mundial, em Cannes, em 1985, tava rolando o boato de uma ameaça de bombas e os artistas americanos todos cancelaram sua ida. Stallone e Schwarzenegger não viajavam, mas eu, que produzi o filme, sim, o que fez jornais como o "Le Monde" me chamarem de 'O Ator Mais Corajoso da América'. Por outro lado, na minha relação com a comédia, o filme acabou me associando a um arquétipo do atrapalhado em situação de risco".

De acordo com a boataria positiva que volta a cercar seu nome em Cannes, Dunne pode ter emplacado uma nova performance icônica a julgar pela badalação acalorada em torno de seu desempenho em "Ex-Husbands".

No filme de Noah Pritzker, ele

vive o Dr. Peter, um dentista de NY em processo de separação da mulher com quem viveu por 35 anos - papel confiado a Rosanna Arquette, sua parceira no longa de Scorsese. Em busca de sossego, ele embarca numa viagem para um resort no México sem saber que seus filhos vão estar lá.

De certa forma, a saga do dentista Peter retratada em "Ex-Husbands" fala sobre a arte de envelhecer. Dunne vem sendo bem-sucedido nela. "O maior barato de fazer carreira como ator é que, numa época, você vai sempre interpretar filhos e, em outra, passa a viver pais ou avós. Antes, em tramas de tribunal, os estúdios me chamavam para viver advogados e, hoje em dia, já me escalam para viver juízes. O especial no processo de 'Ex-Husbands' é que é cada vez mais difícil ter papéis bons para atores da minha idade", disse o ator, que passou ao posto de produtor e de diretor ainda jovem.

"Notei que produzir ia facilitar as minhas chances de ser escalado, pois, se eu produzo, posso arrumar um papel para mim. Mas quando estou atuando, eu meio que tiro férias das responsabilidades que tenho quando estou num projeto como cineasta ou trabalhando na produção. Tendo um diretor como Noah, eu só me deixo guiar pelo roteiro e busco espaços para expressar o que há na essência do meu personagem. Não fico pensando se o filme vai estar num festival como o de Cannes ou se será aplaudido", avisa.

Seu maior desafio em "Ex-Husbands" é encarar a patrulha que hoje cerceia o riso. "Nunca foi fácil ser engraçado e eu fico nervoso só em ter que formular sobre fazer comédia. Mas eu tenho visto que os shows dos comediantes andam cheios. O público está lá. Acredito que sempre vai haver lugar na arte para a irreverência, ela só tem que se acomodar às transformações", diz Dunne. "As tensões do nosso tempo hão de se acomodar".

O Festival de Cannes segue até o dia 25. A principal atração desta sexta é "Oh Canadá", de Paul Schrader, com Richard Gere no papel de um desertor da Guerra do Vietnã que fugiu dos EUA para não servir o exército.



A Jornada de um Livro, de Carlos Tafur (Espanha)



A Conversation With E, de Esabella Strickland



Doce Liberdade, de Sunny F. da Silva (Brasil)

Os realizadores de amanhã fazendo cinema hoje

Termina neste fim de semana a 10ª edição do Festival Internacional Pequeno Cineasta

Mostrar o mundo através do cinema pelo olhar da infância e da juventude. Essa é a proposta do Festival Internacional Pequeno Cineasta (FIPC), que chega a sua 10ª edição trazendo um panorama da produção audiovisual nacional e internacional, criada exclusivamente por crianças e jovens, entre 8 e 17 anos. Confira a programação completa no link <https://pequenocineasta.com.br/festival/>

Chegando a seu último fim de semana, o festival ocupou paralelamente o Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro, além do Instituto Cervantes, o Jardim Botânico e a Arena Dicro, na Penha, com diferentes mostras de curtas-metragens de todos os gêneros (ficção, documentário e animação), além de uma programação gratuita de workshops, oficinas e debates.

Desde sua criação, em 2010, o FIPC já exibiu 1500 filmes, de 44 países, alcançando um público esti-

mado de 45 mil pessoas. Assumindo mais uma vez seu compromisso com a diversidade e a representatividade cultural, em sua 10ª edição, o FIPC apresenta cerca de 80 títulos, vindos de diversos países, como Bélgica, Cabo Verde, Coreia, Espanha, Estônia, Grécia, Itália, Portugal, Argentina, Índia, Polônia, Canadá, Ucrânia, e de diversas partes do país, como Rio Grande do Sul, Espírito Santo, Bahia, São Paulo, Distrito Federal e Rio de Janeiro, que tratam sobre os principais temas da infância e da juventude sob a perspectiva de quem está vivenciando elas.

Olhar atualizado

“O grande diferencial do Festival Pequeno Cineasta é que não são adultos falando sobre as crianças e jovens. São eles falando sobre eles e do que consideram importante naquele momento, o que, a cada edição, nos traz um olhar atualizado sobre as questões que norteiam essas importantes fases da vida”, diz a cineasta e produtora Daniela Gracindo, idealizadora do festival.

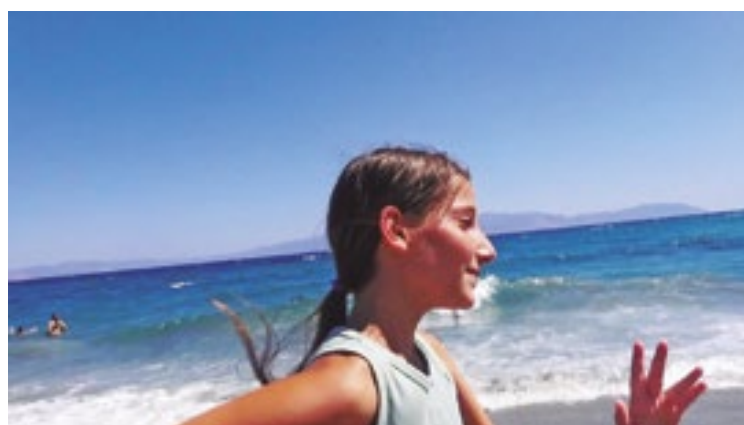
A experiência do isolamento forçado por conta da Covid-19, por exemplo, é um dos temas abordados, especialmente nas produções infantis, mostrando os impactos que a pandemia trouxe para essa faixa-etária. Outras questões como solidão, relação intergeracional, cultura, povos originários e respeito à diversidade, seja de gênero, raça ou religião também se destacam em



O Pátio da Escola, coletivo de alunos (Coreia)



Suur Toll, de Alisa Osipova (Estônia)



Vangelis e a Campeã, coletivo de alunos (Grécia)

diversos filmes.

“A seleção apresenta um panorama da vida, da cultura e das preocupações das crianças de hoje, nos mais diferentes tipos de família, classe social e países. Além desses temas, também observamos muitas histórias de aventura, mistério, fantasia e thrillers de terror”, conta Luciana Bessa, coordenadora pedagógica do festival.

As mostras competitivas são divididas em quatro categorias: Nacional e Internacional Criança (8 a 12 anos); Nacional e Internacional Jovem (13 a 17 anos). Todas serão exibidas no CCBB e parte delas nos outros pontos culturais da cidade (ver programação completa abaixo). Ao fim de cada sessão, o público (apenas crianças de 8 a 17 anos) pode votar em seu preferido em cada uma delas. Além do Júri Popular, os filmes também são analisados por um Júri Oficial.

Fora de competição, o FIPC apresenta mais três mostras: Mostra Sustente Sua História, com curtas nacionais e internacionais que abordam temas ambientais; Mostra Oficina Pequeno Cineasta, exibida no CCBB e na Arena Dicro, apresentando filmes feitos por alunos da oficina homônima, ministrada por Daniela Gracindo ao longo do ano; além de uma Mostra Especial Hispânica, realizada no Instituto Cervantes.

Para crianças e jovens entre 10 e 17 anos, o festival promove duas oficinas. Na “Oficina de Animação Ambiental”, ministrada por Dudu Guimas; e “Oficina Claquete”, ministrada por Felipe Leibold.

A cerimônia de encerramento acontece neste domingo (19), no CCBB, com a premiação e exibição dos filmes vencedores em sessão aberta ao público.

Paulo-Roberto Andel

Pequeninho

Minha mãe me chamou de pequenininho por sua vida inteira. Era assim que ela me via quando eu era bebê, e a imagem ficou para sempre, mesmo quando eu já era muito maior do que ela. Sei como é: tenho amigos que conheci ainda crianças quando eu era adolescente, e agora eles são quarentões mas ainda os vejo como garotos. Pequeninho. É o que sou. O que sempre fui. Minúsculo.

Saio à rua, olho para os prédios e vejo como sou uma formiguinha perto deles. Mesmo quando passa um ônibus ou um caminhão grandão. Na barca da Praça XV eu me sinto minúsculo.

Eu sou pequenininho. Um número. Um CPF pobretão e triste nessa terra de tanta mágoa e indiferença. Minúsculo. Vejo tanta gente sofrer pela rua e não tenho capacidade de ajudar a mudar suas vidas. Tanta fome, tanto choro e olhares tristes, vazios, a caminho da fila do ônibus ou do trem.

Pequeninho. Sem pai nem mãe, sem perspectivas, com a lâmina de uma adaga me lambendo o pescoço e, até esta linha, sem saber como escaparei de tragédias. Sozinho. Pequeninho. Sem ninguém pra me ouvir, me acudir, nada. Se morro agora, só vão descobrir quando feder. E o pior: literalmente não tenho onde cair morto.

O que eu tenho é meu corpo e minha cabeça, que sonha o impossível e cria coisas, todas elas sem valor comercial mas artístico algumas vezes. Minha cabeça pequenininha, cabecinha de Santo Onofre como dizia minha mãe. Ela me amava. Meu pai também gostava de mim, do jeito dele. Meu irmão acho que não gosta de mim, senão não tinha sumido. Agora ninguém mais

gosta. Ninguém. Nunca fui tão ninguém. Tão pequenininho. A formiguinha na beira da pia com louça suja, sonhando com uma migalha de alimento.

Acho que sou pequenininho porque a gente se ilude a vida inteira achando que cresceu, que amadureceu e envelheceu, que passou a fazer só coisas de adultos, mas a verdade é que somos crianças para sempre. O corpo muda, o tempo passa, mas à medida que envelhecemos, mais o passado é importante. O começo, os sonhos, as pequenas coisas, a minúscula e efêmera felicidade. A saudade.

A cada dia eu penso mais na criança e no jovem que fui. Não é que fosse tudo bom, porque estava longe de ser, mas quando você é jovem sempre tem a perspectiva do futuro - a chance to heaven!

Eu tinha carrinho, eu brincava e jogava bola. Eu lanchava e via desenhos com minha mãe - ela ficava muito feliz comigo, me chamava de seu tesouro, de seu reizinho. Ela gostava de mim mesmo. Nós éramos bem pobres mas tínhamos algum conforto - e eu tinha a praia, o futebol, o sonho. Às vezes lanchávamos no Bob's. Quando o caixa estava bom, comprávamos pizza da Bella Blú. Eu jogava botão e tinha dias bons nos acampamentos escoteiros. Meus pais tinham 40 anos - eles eram jovens demais.

Eu só conheci a felicidade pequenininho. Eu só tenho a esmola de felicidade quando me sinto pequenininho, parte de um mundo de fantasia onde não havia ódio, maldade nem ganância. Onde todo mundo podia ter uma casinha, roupas, uma televisão e comida. Onde ninguém vivia dois anos chorando todo dia em desespero pela miséria.

Quanto mais vozes, melhor!

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

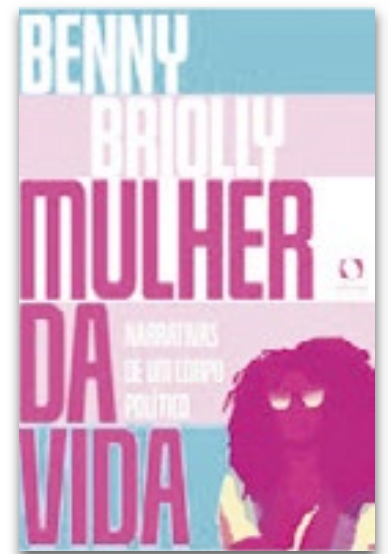
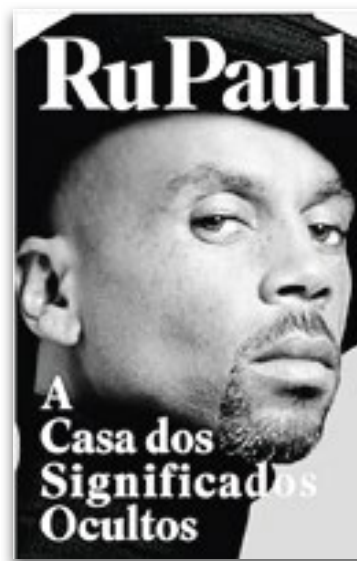
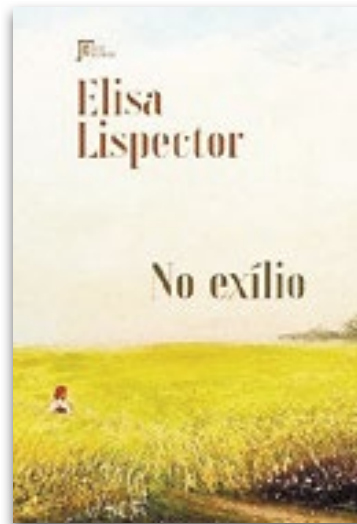
Em meados dos anos 1990, o crítico norte-americano Harold Bloom queixava-se que o mundo acadêmico passara a desprezar os cânones do pensamento, dando mais atenção a “esse monte de esterco chamado cultura popular” do que a Proust, Shakespeare ou Tolstoi.

“A Escola do Ressentimento fica tagarelando sobre poder, raça, gênero: estratégias carreiristas, que não têm nada a ver com os injuriados e insultados, cujas vidas jamais vão melhorar pela leitura dos maus versos escritos pelos que se dizem oprimidos”, clamava Bloom, que morreu em 2019, sem reconhecer que o esterco permite o florescer de novas espécies.

O mercado editorial mundial valoriza os relatos dos oprimidos há tempos. Mulheres, homossexuais, transgêneros e incontáveis representados pela sigla LGBTQIA+ têm publicado suas ideias e experiências de vida, ao lado dos que cresceram em países explorados por invasores de outras nacionalidades. Boa parte desses relatos e peças ficcionais usam o linguajar das comunidades ignoradas pela cultura eurocêntrica. Muitas dessas obras serão esquecidas no futuro, mas, no momento, são imprescindíveis para fortalecer a inclusão em uma sociedade multifacetada.

As lutas identitárias não se limitam mais a desmistificar o patriarcado ou dar protagonismo a minorias étnicas. Se as editoras correm atrás das histórias de quem rompeu com um destino biologicamente programado, existe um público em busca dos depoimentos de quem desafiou sua natureza. A seguir, alguns exemplos.

CRÍTICA / LIVROS



gregação até romper com a crença e entrar para a militância política. O livro é dedicado à avó, Nilá, a única da família a apoiar a decisão de Briolly, embora continuasse profundamente religiosa, pois, como explica a neta, ela fazia da igreja seu meio de socialização no único ambiente que o marido lhe permitia frequentar. A história de Briolly não tem um tom queixoso, mas uma incitação ao engajamento nas questões sociais.

Talvez a drag queen mais conhecida no mundo, RuPaul fala de suas origens e do início de carreira em *A Casa dos Significados Ocultos* (Intrínseca, R\$ 53,90). São recordações recheadas por mágoas exorcizadas no palco. Melancólico ao lembrar do temperamento explosivo da mãe e da dispersão do pai, RuPaul contrabalançou a educação severa com a exuberância artística, que lhe rendeu 12 prêmios Emmy, além de um Tony. Drogas e amores passageiros não o tiraram do objetivo profissional, nem o afastaram da família, que, apesar das críticas, é a referência de sua formação.

Vindo ao encontro de um drama enfrentado por pessoas no mundo inteiro, *No exílio* (José Olympio, R\$ 64,90), de Elisa Lispector, conta a saga de uma família ucraniana que deixa a Europa nos anos 1920, fugindo do antissemitismo que tomava corpo no continente. Irmã mais velha da futura escritora Clarice Lispector, Elisa foi professora de música, crítica de arte, jornalista e escreveu 12 livros. Neste romance autobiográfico, a angústia acompanha as constantes mudanças e a sensação de não -pertencimento da jovem, mesmo depois de naturalizada brasileira.

No país que registra o maior número de transexuais assassinados no mundo - não se contabiliza a subnotificação nem aqui, nem em outras nações -, a coragem pauta militantes como Benny Briolly, vereadora de Niterói, que conta sua trajetória em *Mulher da vida* - *Narrativas de um corpo político* (Oficina, R\$ 58), desde a criação em uma família evangélica, passando pela transição de gênero e conversão ao candomblé.

Na busca de respostas para seus questionamentos existenciais, aos 17 anos Benny foi pastor de uma con-

Nova leva de *menus executivos*

Veja um roteiro de onde almoçar bem com bom custo-benefício

Menta Foods/Divulgação



Sichou

BAR MARAVILHA - O animado bar de Botafogo passa a abrir de terça a sexta-feira, das 12h às 16h, com opções de pratos no estilo boteco tradicional. Destaque para o Arroz de Moela (R\$ 39), servido com feijão fava e ovo mollet por cima. No almoço tem também os clássicos cariocas, como o Picadinho Maravilha (R\$ 41) e a Sobrecoxa Assada (R\$ 29,90) que é marinada por 12h e acompanha salada de batata, arroz branco, feijão e farofa. O cardápio bem brasileiro ainda traz opção vegetariana: Arroz Cremoso de Jerimum (R\$ 39 - foto), com abóbora, granola salgada e queijo coalho. Rua Mena Barreto, 90 - Botafogo. Tel: (21) 98986-7162.

BROTA - O restaurante vegetariano, em Botafogo, recentemente abriu as portas para o almoço com três PFs servidos de terça a sexta, das 12h às 16h, por R\$ 49 ou R\$ 79,90 para quem optar pela entrada do dia + PF + taça de vinho/mocktail. Para o novo horário, além do cardápio normal, a chef Roberta Ciasca preparou as opções: Arroz e feijão - bolinho de arroz integral na versão vegana ou vegetariana servido com caldinho de feijão, abóbora assada, couve e vinagrete de legumes crocantes; o Veggie Rice - tigela de arroz cateto e quinoa servida com legumes tostados e creme de manjeriço; ou o Árabe - homus bolinho de falafel, salada fatouch e arroz de lentilha nada árabe da chef (foto). Rua Conde de Irajá - 98, Botafogo. Tel: (21) 99728-6597.

CHANCHADA - O Chef Bruno Katz lançou uma novidade para o bar, em Botafogo. De terça a sexta-feira, das 12h às 15h30, a casa passa a oferecer variadas opções de PFs. Entre os pratos feitos, destaque para a Feijoada do Chanchada (R\$ 54 / R\$ 98 - 2 pessoas)

Por **Natasha Sobrinho (@restaurants_to_love)** Especial para o Correio da Manhã

Comer bem e pagar um preço justo por isso. Quem não gosta? E o almoço executivo está aí para transformar nosso desejo em realidade. Com um preço fixo e mais acessível que o cardápio convencional e com fórmulas que podem incluir entrada, prato principal, sobremesa e até bebidas, o almoço executivo é a aposta dos restaurantes cariocas durante a semana. O Correio da Manhã fez um roteiro do que há de mais novo na cidade e que vale a pena experimentar. Confira abaixo:

Nelson Saldanha/Divulgação

Divulgação



Bar Maravilha

Divulgação



Escaminha

com costela, lombo, paio, carne seca, torresminho, laranja, farofa e couve, servida sempre as sextas. Rua Gen. Polidoro, 164B - Botafogo.

ESCAMINHA - Para os amantes de frutos do mar, o gastrobar está com ótimas opções de executivos. Entre as sugestões está o Strogonoff de camarão (R\$ 59,90); o Arroz



Chanchada

Rodrigo Azevedo/Divulgação



Suru Bar

Divulgação



Quitéria

de Polvo (R\$ 59,90) e o Espaguete com vônogole e molho champanhe (R\$ 59,90 - foto). Eles estão disponíveis de terça a sexta e acompanham Salada Caesar e opção de sobremesa ou café. Rua Dias Ferreira, 154 - Leblon. Tel: (21) 3988-8171.

QUITÉRIA - O restaurante de comida



Brota

brasileira, localizado no térreo do hotel Ipanema Inn está com novas sugestões de almoço executivo com fórmulas como: Entrada + Prato Principal (R\$ 65) ou Entrada + Principal + Sobremesa (R\$ 78). Destaque para o tartare de carne (entrada) e o picadinho de carne, arroz, farofa e ovo mollet (principal). R. Maria Quitéria, 27 - Ipanema. Tel: (21) 2267-4603.

SI-CHOU - O restaurante asiático comandado pela dupla Elia Schramm e Menandro Rodrigues, acaba de lançar um menu de almoço executivo que contempla entrada, prato principal e sobremesa, por R\$ 69. As sugestões mudam semanalmente, e oferecem receitas da cozinha quente e do sushi bar. Entre as sugestões de entrada estão: Okonomiaki de porco, maionese de katsuobushi, pickles e nori; ou o Wonton crocante de milho e cream cheese, com molho agridoce e cebolinha (foto). Já para principal: o Donuri de frango frito coreano, brócolis grelhado, sunomono, edamame e ovo perfeito; o Japchae de legumes, molho de amendoim e ovo ou o combinado do sushi bar (acréscimo de R\$ 12). O menu é válido de terça a sexta, das 12h às 16h. Rua Barão da Torre, 472 - Ipanema. Tel: 99867-5933.

SURU BAR - O bar na Lapa passou a abrir agora para almoço, as quintas e sextas, das 12h às 16h, e o menu de acepipes recebe a companhia de clássicos dos balcões mineiros. Entre os destaques: mexido à mineira feito com arroz, feijão, pernil, couve, linguiça e ovo poché (R\$ 43) e o quiabo e canjiquinha com quiabo na chapa, canjiquinha de abóbora e conserva de pimenta biquinho (R\$ 37). Endereço: Rua da Lapa, 151. Lapa. Tel: (21) 3591-1524.

(SEGUNDA PARTE)

(...continuação)

No começo me punha como observador, depois passei a interagir de forma sociológica e por fim já fazia parte do time, trocando informações, cantando junto, fazendo terceira voz, comemorando aniversários – lembrem-se o quanto sou tímido. Os locais passaram a ser os mesmos, os encontros e desencontros também. Conheci muita gente boa pondo o pé na profissão, muita gente vinda de um caminhar muito além do mar. Muitas histórias de vitórias e derrotas. Histórias de uma vida inteira, de existências e sofrimento, histórias de recomeços e começos. Algumas delas muito marcantes e de superação, outras nem tanto, infelizmente.

Gente é para brilhar, não para morrer de fome. Gente absolutamente politizada, engajada, ciente de seu importante papel na sociedade. Conheci o Padre João Luiz da Pastoral da Terra e seu brilhante trabalho social-espiritual. Sempre nos encontrávamos pelos caminhos. Muitas vezes parei na estrada para assistir às suas missas, pregações e um café coado.

Conheci o mineiro José Eduardo que puxava cargas de café entre Minas e São Paulo. Após um acidente na empresa que trabalhava, passado o prazo legal, foi demitido por ‘incapacidade’. Sem muitas perspectivas, resolveu investir sua indenização num Mercedes e cair na estrada. Sujeito interessantíssimo, autodidata, com cultura muito acima da média, se dizia o homem mais feliz do Universo, pois fez, dos limões amargos da vida, uma doce limonada temperada com amor e mel – não fez caipirinha, pois álcool e rodovias não combinam mesmo. Fazia poemas, declamava Drummond e conhecida de cor, saltado e trás para frente a obra pessoana, cujo versos enfatizava durante suas falas.

Foram tantos os personagens que não cabem em uma só crônica. Com a roupa encharcada e a alma repleta de chão, seguirei amanhã esses caminhos de encontros e despedidas.

Mandarei notícias do mundo de lá.



Pelas estradas da vida ou Caminhando e cantando, cantar é buscar o caminho

